Veneno verde  
  
Dalila, o que falo é de uma ânsia, um desejo de atravessar o oceano, uma mergulhada aqui e ali, ver outros mundos melhores e piores, acordar com outras cores, bicicletas gourmet, makes bons, perfumes caros na loja oficial – os dois últimos só olhar nas vitrines –, sentindo o cheiro das mulheres que saem, sacoleiras, pelas portas rápidas e automáticas, cabelos balançando cheirinho internacional.

Quanta coisa. Calma, respira e explica.  
  
Mas não é o que estou fazendo?

Você não falava de ânsia nenhuma antes, era tudo divino e com um sol quentinho, o trabalho que só começava depois das 10h, amigos fazendo sopa e drink, o boy chamando pra bailar e vento gelado só na estação Vergueiro ou Liberdade – e aquela outra, que esqueci qual é, na linha amarela, que todo mundo anda no corredor fazendo o clipe de Beyoncé e fingindo que não.

Esse tempo rápido. Não dou conta dele. Só penso em freio.

Mas você está bem?

Devo de estar, talvez só precise exercitar o bem-estar.

Vamo comigo na feira? Tem umas coisas orgânicas delícia, mas queria aquele abacate normal, inchado de agrotóxico mesmo, que é mais barato e amadurece mais rápido.

Aí você amadurece mais rápido também e morre do veneno verde dele.

Ou um carro passa por cima antes, né, tô nem me apoquentando com veneno verde, guacamole melhor das Américas que vai rolar hoje de noite.

“Escrevi um troço, tá em cima da mesa, lê, pelo amor de deus, antes de sair e manda mensagem se achou bom? Tenho que mandar anteontem.”

Uma beleza de bilhete, um parecer diferente do meu no começo do dia e já comecei a gostar dessa brincadeira de outono. É de mentirinha esse outono aqui, mas esse é justamente o lado bom, o lado ótimo. Não tem desculpa da falta de luz, só umas folhinhas amarelas bonitas, se for São Paulo ou sul do Brasil. Era tudo o que eu pediria pra hoje, obrigada Jesus pelas minhas amigas, companheiras de lar, que suportam minha bagunça em troca de uns versinhos, umas tirinhas, umas cirandas depressivas de vez em quando. Cada um dá o que tem, dizia minha avó, no ditado mais incentivador da estagnação e resiliência já visto. Mas pra que ir tão fundo na análise, não é mesmo? Avó sabe das coisas e pronto. Algumas. A minha sabia.

Tô entrando. Te avisando, além de não levar um susto e ter aquelas síncopes, saber que já mandei o texto sem você ler, porque demorou demais de responder e o prazo já tinha vencido, obrigada.

Guarde as armas, criatura, eu já ia ler, era só passar o café!

“Enquanto queima aquela cidade lá de cima do país de longe, onde ecoam texturas, vindas de todo tipo de música, todos os climas, sendo a musa Teresina, onde o tempo passa teresino, num dia só, primavera, verão, outono e inverno. Onde tem umas comidas quentes e ótimas, pessoas rebolantes na festa e na vida, afinal de contas, nada mais precioso.”

Essa não é Teresina, você confundiu.

Gente, do rebolado que falo eu que sei! Ou vai dizer que você estava lá comigo naquele quarto, naquela noite?

Eu mesminha não.

Pois pronto, se aquiete e me deixe viajar sossegada!

“O tempo passa rápido demais, tempo cósmico, ouvi dizer. Parece que as 24 horas do dia viraram 16. Ou 18. Espero que sejam 16, porque minha sensação é de que são 16 e, justamente por isso, não dou conta do texto, do abacate, do boy, da faxina, dos exames, do baile, do inglês mal falado que preciso melhorar, das eleições, dos ensaios, do sobrinho, do golpe e da PEC 241.”

Karina Buhr gosta de abacate madurinho e, no momento, passa frio em Berlim, mas tudo bem, tem um show sexta-feira e mais dois na semana que vem.